

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
NAS TERRAS DOS FARAÓS  
7 e 9 de janeiro de 2023

# CLEOPATRA / 1934

(*Cleópatra*)

um filme de Cecil B. DeMille

**Realização:** Cecil B. DeMille / **Argumento:** Waldemar Young e Vincent Lawrence, baseado numa adaptação de Waldemar Young / **Fotografia:** Victor Milner / **Décors:** Hans Dreier / **Guarda-Roupa:** Travis Banton / **Música:** Rudolph Kopp / **Montagem:** Anne Bauchens / **Interpretação:** Claudette Colbert (Cleópatra), Henry Wilcoxon (Marco António), Ian Keith (Octávio), Gertrude Michael (Calpúrnia), Joseph Schildkraut (Herodes), C. Aubrey Smith (Enobarbus), Ian Maclaren (Cássio), Warren William (Júlio César), etc.

**Produção:** Cecil B. DeMille para a Paramount / **Distribuição:** Paramount / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendada electronicamente em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** 25 de Julho de 1934 / **Estreia em Portugal:** a 31 de Dezembro de 1934 no Tivoli.

---

**Cleópatra** é uma das mais famigeradas reconstituições históricas de DeMille, um dos filmes que, nas habituais apreciações sobre o cineasta, mais se confunde com os preconceitos desfavoráveis e a ironia fácil que sobre ele tem recaído.

**Cleópatra** foi ou é quase um sinónimo de Hollywood, na acepção pejorativa daquele termo: dinheiro, mau gosto, superficialidade, sumptuosidade, incapacidade de entender a História e as suas Grandes Figuras. Uma "americanice", uma "palhaçada", etc. foram alguns dos "mimos" aplicados a este filme, como a outras obras análogas de DeMille: **O Sinal da Cruz, As Cruzadas, Os Dez Mandamentos, O Rei dos Reis, Sansão e Dalila.**

Muita água correu sob essas pontes e hoje em dia dizem-se coisas muito diferentes. Mas continuam-se a dizer em ar de "mas" como se houvesse que atenuar mas não anular "defeitos evidentes", DeMille - ou os filmes históricos dele - são agora passíveis da nossa divertida cumplicidade (ou ternura). Raras vezes da nossa admiração. É que os preconceitos, de origem cultural e literária, estão solidamente implantados.

Que preconceitos são esses? Em primeiro lugar, o do realismo histórico. Reconstituir Roma ou o Egipto dos anos 48 a 31 antes de Cristo, deve - continua-se a pensar - ser obra de arqueólogos e especialistas, se possível em "décors" naturais que nos dêem a ilusão do "tal e qual", de reencontrar esses locais como o ensino da história nos habituou a imaginá-los. Em segundo lugar, o da dignidade forçosamente inerente às grandes figuras históricas, só porque foram grandes e são históricas. Qualquer que seja o nosso juízo sobre César, Cleópatra, Marco António ou Octávio, numa ideia dificilmente abdicamos: a de que essas personagens se comportavam 24 horas por dia com palavras e gestos perfeitos, mais "retratos animados" do que pessoas vivas.

Toda uma tradição cultural nos preparou a pensar assim. Por isso, quando vemos Roma e o Egipto em papelão e estúdios; edifícios e trajes que nada têm que ver com os que pensamos serem os da "época"; Cleópatra, César ou Marco António, às gargalhadas ou aos beijos na boca - ou pior ainda - a dizerem "Hello" "OK" ou "Come On" ou a tratarem-se por "Cleo", etc., sentimos o famoso "arrepio cultural" e a sensação que "nada daquilo" pode ser levado a sério.

Mas acaso sabemos nós como foram, de facto, a Roma ou o Egipto antigos? Acaso sabemos nós o que seria esse "tal e qual"? Acaso sabemos se a mais fiel e científica reconstituição histórica não

faria rir mais um romano ou egípcio ressuscitados do que as "maquettes" dos estúdios da Paramount? Acaso esse "real" em que pensamos não é puramente imaginário? Acaso podemos adivinhar a psicologia das personagens que viveram nesses tempos? Quem quiser ou puder concluir pela negativa a toda esta série de perguntas, poderá admitir que tudo é imaginário e que nele todos os caminhos são válidos. O que bem compreendeu de resto outra tradição cultural em referência: por exemplo, a da pintura dos Séculos XV, XVI e XVII que não hesitava em vestir, com fatos dessas épocas, a Virgem, S. José, o Menino de Jesus, ou as figuras mitológicas; por exemplo a do teatro clássico - de Racine a Shakespeare - que nunca se preocupou com historicismos nas peças sobre os heróis gregos ou romanos (de *Fedra*, de Racine ao *Júlio César* de Shakespeare), nem os pôs a falar latim com pronúncia restaurada, ou a evoluir segundo os padrões dos trágicos gregos ou latinos. E se esses exemplos nos não fazem rir é só porque os incorporámos já na mesma tradição cultural, não porque eles não sejam o exacto equivalente das liberdades de DeMille.

Dito isto, nada está dito, como é evidente, sobre o valor de **Cleópatra**. Tudo isto poderá ser verdade e **Cleópatra** ser um mau filme. Mas quem o admitir - ou seja quem não esbarrar logo em cenas como a da chegada de César a Roma precedido pelos "midinettes" - poderá ser capaz de ter uma visão isenta deste filme e não tropeçar nos habituais argumentos. E então poderá ver.

E se vir, verá um dos mais assombrosos exemplos de construção cinematográfica e de sentido de narração que o cinema foi capaz de oferecer. Verá coisas que não sendo "simplesmente belas" não podem dar "aguarelas" mas um fresco portentoso, em que a imaginação não conhece limites, e a cada momento se ultrapassa. Desde o genérico (a estátua dos deuses egípcios movendo-se lentamente, e a aparição da mulher nua entre dois incensários, sobre o título, com os nomes do "cast" gravados em colunas de pedra) ao fechar das cortinas final, a "festa do olhar" não abranda, com momentos de cinema únicos, como o plano de Cleópatra saindo do tapete; o campo-contra-campo de César e Cleópatra no primeiro encontro no quarto desta; o lento "travelling" que descobre Brutus, na primeira aparição deste; a chegada de César a Roma; a sequência em que Calpurnia conta o seu famoso sonho; o plongé sobre Cleópatra deitada, aguardando César na sua "villa" romana; o último encontro entre César e Cleópatra; o uso do silêncio na morte de César; o "fendu" sobre o plano de Cleópatra no barco, no seu regresso de Roma; a sequência do primeiro encontro entre Marco António e a rainha do Egito; a festa, delírio imaginativo com o recurso à mais delirante figuração animalística; os planos do barco na noite, com o "travelling" para traz até descobrir toda a nave; o plano em que o criado envenenado morre com a câmara fixa sobre o rosto de Cleópatra; o enquadramento da Rainha, com o cadáver de Marco António etc, etc, etc. Isto para não falar das grandes cenas espectaculares, nomeadamente da Batalha de Actium, que raras vezes, e mesmo entre os autores cujo nome mais respeitosamente se pronuncia (diga-se Eisenstein) terá tido equivalência.

Ver **Cleópatra** sem preconceitos extra-cinematográficos, é aprender muita coisa e descobrir um dos mais fabulosos itinerários do imaginário do Século XX. Em qualquer forma de arte. É aprender que desse imaginário Cecil B. DeMille é um dos nomes maiores. A retrospectiva integral organizada pela Cinemateca em 1991-92 deu-nos sobejas provas disso. Qualquer que seja o lugar das outras obras-primas, **Cleópatra** ocupa um dos cimeiros.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico